

LEITURA: UM HÁBITO POUCO COMUM NO BRASIL. UMA VISÃO CRÍTICA DO ASSUNTO

SMERMAN, Wagner
PAIVA, Josemir Rocha

Resumo: Ler, decifrar palavras, formular frases, compreender um texto. A leitura é fundamental para o conhecimento humano. Em um mundo globalizado em que o conhecimento é fundamental para se traçar as melhores estratégias, realizar as melhores ações, a leitura de um simples livro parece ser obsoleta. Ledo engano. A leitura propicia este ganho de conhecimento. É através da leitura que se consegue analisar se tal fato é ou não pertinente, se tem possibilidade de ser verídico ou não. Ela faz a pessoa viajar e conhecer o mundo sem nem mesmo sair da sua casa; desenvolve o intelecto; torna o indivíduo mais crítico e até o país mais competitivo. Mas como fazer alguém que nunca leu ler? Como desenvolver este hábito em uma criança frente a um mundo com tantas oportunidades de distração? Lendo. É somente lendo que se aprende ler. Daí o papel do professor e dos pais. Quem está fazendo a sua parte?

Introdução

Leitura é a ação de ler algo, ou seja, é o hábito de ler um jornal, um folhetim, um livro, uma revista ou qualquer objeto com palavras. É um processo de compreensão de informações armazenadas em um suporte, sendo então transmitida mediante determinados códigos de linguagens, que pode ser visual, auditivo ou tátil (Braille).

Todos os tipos de leitura, seja ele de qual for, sempre se apoia na linguagem, como as palavras, os pictogramas ou ainda as partituras de música. Mas independente de qual maneira de leitura se fala, ela sempre pode e deve ser ligada a aprendizagem, afinal a leitura é uma das maneiras mais antigas e eficientes de se adquirir conhecimento. É claro que no passado o conhecimento era adquirido de outras formas, como os contos, as histórias, a observação. Mas a partir do momento em que a leitura surgiu, ela se tornou a forma mais comum de passagem de informações sérias e seguras.

Muitos dizem que ler é chato, mas esta ideia deve ser eliminada, afinal, muitos são os gêneros de leitura e cada qual se encaixa no que lhe convir. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, ler, seja lá o que for, revistas, sites,

gibis, livros de romance, entre outras leituras de entretenimento, é quase tão eficaz quanto ler um livro técnico.

A diferença é que ler sobre algo técnico oferece conhecimento sobre aquele determinado assunto, enquanto ler sobre variedades, se não te fornece grande leque de conhecimento sobre algo específico, ao menos estimula o raciocínio e melhora o vocabulário e, embora não seja uma regra, há mais chance de se escrever ou falar bem se você lê bastante (KATO, 1985).

Ler deveria ser uma ferramenta de aprendizado para qualquer pessoa, mas para o estudante é primordial. A leitura melhora o aprendizado dos mesmos, pois estimula o bom funcionamento da memória, aprimora a capacidade interpretativa, o raciocínio lógico, além de proporcionar ao leitor um conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos (CANZIANI, 2009). Segundo Coelho (1997) ao ler uma história, ela se mostra como um importante alimento da imaginação, permitindo que ocorra a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajudando a resolver conflitos, acenando com a esperança nas mais diversas situações. A boa leitura agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.

Quem lê muito, conversa sobre qualquer coisa e consegue formar opiniões bem fundamentadas. Assim, o hábito da leitura é um dos mais importantes para o desenvolvimento do intelecto humano, e também o caminho mais curto para adquirir conhecimento, inclusive no meio estudantil, com destaque para o ensino superior. A habilidade de leitura, segundo Santos *et al.* (2004), é essencial para o estudante universitário, “pois seu sucesso no ensino superior está associado à sua maturidade em leitura, que pode ser melhorada, se diagnosticada apropriadamente”.

Desta forma, o objetivo do presente trabalho é conscientizar a população quanto à necessidade da leitura para a formação do intelecto humano, apresentando dados que demonstre que a leitura esta intimamente ligada à melhoria da qualidade de vida, dos estudos e do ganho de conhecimento por parte dos leitores. Busca demonstrar ainda que se aprende ler lendo, assim, quanto mais se lê, mais se quer ler. Objetiva também afirmar que o hábito de leitura deve ser cultivado desde cedo, mas que nada impede que alguém nunca leu um livro se torne um bom leitor em uma idade mais avançada. O que normalmente falta é começar.

Metodologia

O trabalho é resultado de horas de pesquisa em diferentes bibliografias a cerca do assunto proposto. Estes trabalhos foram então lidos, debatidos e tabulados, e posteriormente se elaborou o presente texto. Trata-se então de

um artigo que apresenta a visão dos autores sobre o assunto e sobre os dados coletados, em comparação com a visão de diferentes autores e textos propostos para o tema.

Quando devo iniciar o hábito leitura?

Em meio ao *boom* tecnológico das últimas décadas, a leitura acabou ficando de lado, sendo substituído primeiro pela pelo rádio, depois pela televisão, pelos computadores, pelos videogames e agora pelos tecnológicos celulares. Dada todas estas opções, os livros estão cada vez mais no esquecimento.

Mas aí vem a pergunta: quando é o melhor momento de se iniciar no mundo da leitura? Depende: cada um tem seu momento, sua hora. O importante é sempre começar. Mas se pudesse ser apontado um momento para iniciar a leitura, poder-se-ia afirmar que seria na infância. Mas como fazer uma criança se interessar pela leitura? É aí que entra os pais e o seu hábito de leitura.

Abramovich (2003) destaca a importância de a criança ouvir muitas histórias e comenta que esta ação é que formará o bom leitor, propiciando um caminho absolutamente infinito de descobrimento e compreensão do mundo. Segundo a referida autora, quando os pais mais velhos, principalmente os pais leem histórias aos seus filhos, as mesmas passam ter papel fundamental no desenvolvimento intelectual destas crianças. Ao notar que a história em questão esta ligada ao livro que se lê, a criança passa a se interessar pela leitura, sua imaginação é estimulada, bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador, com os colegas e na interação sociocultural. Assim, é aguçado também o seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para outras crianças. Nasce aí um leitor.

Mas como vou fazer meu filho se interessar pela leitura se nem mesmo eu leio? Dizem que a criança geralmente é um espelho dos pais, por isso é importante que o exemplo seja dado desde o princípio. Se uma pessoa tem filhos, a leitura para os mesmos se mostra primordial, afinal ao vê-los lendo, estes normalmente passam a copiar os pais. É importante, principalmente à noite, ler para eles, mostrando que a leitura pode ser um hábito divertido. Os resultados virão no futuro, com bons desempenhos escolares, e adultos muito mais seguros e bem preparados.

Se eu não leio, devo promover este hábito aos poucos e, por mais que pareça difícil, a tarefa não se mostra tão árdua assim, afinal “só se aprende fazer fazendo”. Desta forma, há necessidade de se iniciar por um assunto que agrade a pessoa. Há diversos *sites*, livros e revistas sobre tudo, basta saber

procurar. Se uma pessoa gosta de moda, de jogos, de história, não importa, com certeza haverá publicações que irão agradar. Mas há necessidade de se reservar um horário todos os dias para ler, de preferência antes de dormir. Este hábito fará ter um sono mais tranquilo, dará conhecimento, auxiliará na formação do intelecto além de promover uma melhor fixação da memória durante o sono.

Outro ponto importante é nunca desistir. No início tudo parece ser mais interessante, tudo parece chamar mais atenção do que a leitura. Com o tempo isto vai caindo por terra e ela passará a ser mais prazerosa do que a maioria das atividades que normalmente realizada.

O papel da escola no hábito da leitura

Uma boa ferramenta é a escola. Na escola se aprende a ler, e aperfeiçoa a leitura. Ou seja: além de aprender a ler e escrever, pode ser o local onde se aprende a gostar de ler. Mas para isso, há necessidade de se ensinar a gostar de ler. E como se faz isto? Lendo para e com os alunos. Mas isto não é o dever do professor de português ou o de inglês, ou qualquer outro. É função de todos os professores, em conjunto, buscando com isso maior nível de leitura (GUEDES E SOUZA, 2011).

Mas como os professores podem trabalhar em conjunto nesta empreitada? Battaglia (2003) cita a urgência de a escola repensar o papel atribuído à literatura dentro de seus projetos pedagógicos, pois se vive em uma sociedade que valoriza a velocidade, a informação, o temporário e o descartável e assim a experiência com a literatura é desvalorizada. A autora cita ainda que é necessário alargar e diversificar as oportunidades de conhecimento do mundo, oportunizando vivências que façam as crianças apropriarem-se de suas histórias de vida. A autora frisa ainda que na atualidade, frente a todas estas mudanças extraordinariamente rápidas em que se vive, a literatura tem papel fundamental na reformulação de valores e na conscientização das crianças que são seres em formação, preservando princípios éticos e respeito aos direitos humanos.

Cabe ao professor o papel de mediação entre a criança e a literatura, auxiliando na sua formação, principalmente lendo junto. Dificilmente um aluno vai ler se o seu professor não esta lendo junto com ele. A leitura deve ser um compromisso de estudo, da reflexão, do conhecimento das obras infantis, infanto-juvenis ou juvenis, de forma que o aluno consiga se enquadrar adequadamente a cada tipo de obra que melhor lhe agrada, formando assim os importantes critérios de seleção que os mesmos levarão para toda a sua vida de leitor (Bataglia, 2003).

Mas como prender a atenção do leitor frente a tantas distrações como as proporcionadas pelas tecnologias? Primeiro não se deve ir contra a tecnologia, afinal os leitores não devem se tornar ermitões, devem sim, se tornar leitores. É importante transformar a tecnologia em sua aliada, não em sua inimiga. Normalmente ela chama mais atenção do que as leituras normais, em livros ou demais materiais impressos. O combate já vem sendo realizado através de importantes aliados: os livros e demais materiais *on line*. Há uma infinidade destes materiais disponíveis na internet, e qualquer pessoa pode transformar seu celular ou computador em uma “biblioteca” ou “sala de leitura”.

Mas desde quando se lê? Quando teve início esta importante ferramenta? Como foi possível chegar nas ferramentas de leitura dos dias atuais?

Livros através dos tempos

Na atualidade é fácil obter-se livros e realizar a leitura desejada. Há disponibilidade de temas, fatos, assuntos, complexidade etc. Porém nem sempre foi assim. Na antiguidade livros eram raridades, às vezes proibidos e outras vezes inexistentes. Antes das atuais tiragens, deve-se ter em mente que estas são resultados de diversas inovações realizadas ao longo do tempo por diversos povos, no intuito de gravar o conhecimento e passá-lo de geração em geração. O mundo não seria o mesmo se os povos não pudessem conhecer as ideias de seus antepassados. Um bom exemplo é a filosofia, que até hoje é calcada nas letras escritas por filósofos antigos, da Grécia antiga e mais recentemente da Alemanha e norte-americana, dos séculos XVIII, XIX e XX.

Mas esta comunicação não iniciou da noite para o dia. Inicialmente, ainda na pré-história, o homem primitivo procurou se comunicar ou marcar sua presença no mundo através de informações que eram passadas no chamado “boca-a-boca” ou através de encenações e exemplos práticos, de pai para filho, dos mais velhos para os mais novos, muito comum nos dias atuais, mas sem a utilização de escritas, figuras ou outras formas de escritas (Coelho, 2009). Mas como cada um da a sua versão aos fatos e vai aos poucos incrementando as histórias contadas, o que às vezes acabava por deturpar o que de fato ocorreu, levou o homem a buscar novas formas de passagem de informações. Foi daí que surgiram as pinturas, que aliadas às histórias contadas se tornavam boas formas de passagens de informações, e foram perpetuadas e melhoradas com o passar dos tempos, como pode ser constatado nas mais diversas cavernas ou antigas habitações do homem primitivo, que segundo Coelho (2009), datam inicialmente entre 12 e 15 mil anos atrás, onde se nota, ao analisar estas imagens, a necessidade de descrever suas experiências de vida.

Mas a pintura apresentou certos fatores complicadores, afinal a margem de interpretação deixada é grande, e o conhecimento levou a invenção da

escrita, o que facilitou muito a passagem de conhecimento. Ela era uma forma concreta de registrar sua fala e fazê-la perpetuar no tempo, principalmente usando um bom suporte físico para registrar suas mensagens. Diversos tipos de material foram utilizados para a escrita no mundo antigo: tábuas de argila, pedra, osso, madeira, couro, metais diversos, fragmentos de cerâmica (ostraca), papiro e pergaminho. No entanto, de todos esses materiais, os mais eficazes para a feitura de documentos que pudessem ser manuseados e transportados até o leitor/ouvinte foram, num primeiro momento, as tábuas de argila e depois o papiro e o pergaminho (COELHO, 2009).

Pergaminho: obtido a partir da pele de um animal, em especial cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha. Também conhecido pelo termo latino “*vellum*” (ou papel velino, referente ao pergaminho de melhor qualidade), acredita-se que sua origem tenha se dado na cidade grega de Pérgamo, recebendo assim o nome de acordo com a região. Outra alteração desta época foi o fim do *volumen*. Trata-se de um rolo que apresentava páginas compiladas. Sua origem também remete a Grécia em função da codificação das leis, sendo melhorado pelos romanos (FISCHER, 2006). Esta junção de diversas páginas fez com que os escritos começassem a ser visto com um objeto, uma obra, um exemplar, ou seja: um livro.

Já no final da Idade Média, outra invenção foi de extrema importância para a difusão dos livros como objetos e sinônimos de conhecimento: a impressão. Até o século XV a leitura era para poucos, afinal poucos possuíam acesso aos mesmos, se resumindo a sábios, estudiosos, intelectuais e religiosos, geralmente confinados aos mosteiros durante a idade média. Já os textos eram compilados manualmente em número geralmente único, geralmente ainda em latim ou grego antigos.

No final do século XVI e início do século XVII, novas formas de escrever foram desenvolvidas, principalmente de literatura nacional, formando assim um processo gritante de florescimento intelectual, o que ficou ainda mais clara com o desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg (FERNANDES, 2016), embora alguns creditam tal desenvolvimento à China, por Pi Sheng.

Na verdade os méritos de Gutenberg foram à criação de um processo de impressão em série, fazendo com que novos livros surgissem com mais rapidez, além de inovar o processo, criar tipos, procurar pessoas influentes para a difusão de suas ideias e, graças a sua insistência, deu início à revolução cultural moderna (QUINTÃO, 2009). No início o conteúdo de cada página era gravado em blocos de madeira, que após serem mergulhados na tinta, eram colocados sobre o papel, produzindo várias cópias. Aos poucos novas tecnologias foram sendo desenvolvidas e o processo modernizado. Pode-se, assim, afirmar que graças a Gutemberg e sua invenção, segundo Claret (2007),

em 50 anos, na Europa, cerca de 50 milhões de cópias para uma população de cerca de 100 milhões de habitantes, sendo ainda a maioria analfabeta, o que pode ser considerado para a época uma enorme revolução.

Posteriormente o italiano Aldus Manutius também contribuiu para o desenvolvimento da leitura. Ele modernizou ainda mais o processo de tiragem, através de um projeto tipográfico, hoje conhecido como *design* editorial (QUINTÃO, 2009).

Antes para poucos, os livros se apresentavam em número e em diversidade, possibilitando com isso em um incremento de leitores nos anos subsequentes, ao mesmo tempo em que crescia a tecnologia e a população mundial. Mas é importante frisar que embora ocorrendo um significativo aumento de leitores, o crescimento populacional foi ainda maior (CLARET, 2007).

Números de leitores no Brasil e no mundo

Como dito anteriormente, aos poucos o hábito de leitura foi ganhando novos adeptos com destaque para o século XX, onde logo a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se concentrou mais nas tiragens de grande volume, principalmente as novelas, romances, textos didáticos entre outros. Após a Segunda Grande Guerra, as edições de bolso se intensificaram, proporcionando com isso maior proximidade entre os leitores e os livros. Caracterizando-se pela grande variedade de obras e títulos além da grande tiragem, este tipo de livro se difundiu, exigindo com isso que sua venda fosse realizada em mais lugares (bancas de jornais, lojas, farmácias, supermercados) e não mais somente em lojas especializadas.

Mas a maior guinada, segundo Claret (2007), se deu com a impressão de folhetins e de jornais. Dinâmicos e atualizados, esta fonte de leitura foi muito bem recebida e aumentou a necessidade de leitura no mundo atual. Surgiram ainda os *best-sellers* que, anteriormente publicados em edições de luxo, passaram a ser editados em versões “menos luxuosas” e mais acessível aos “leitores normais”. Todos estes fatores em conjunto colaboraram muito com o crescimento da leitura em todo o mundo.

Nas sociedades modernas livros são símbolos de *status*, cultura, erudição e, antes de tudo, funcional, informativo e formador de intelecto (CLARET, 2007). Facilmente se vê na Europa pessoas lendo nas ruas, nos parques, nas estações, o que normalmente não se vê no Brasil. Segundo o que foi publicado Arias (2015), á algumas semanas a *Market Research World* publicou o “Índice de Cultura Mundial”, *ranking* que refere a relação da população de diversos países com diferentes hábitos culturais, entre eles a leitura. Segundo a publicação, o país que mais lê no mundo é a Índia, seguida de outros países da

Ásia (Tailândia, China, Filipinas e Egito). A melhor nação europeia é a República Tcheca, seguida da Rússia, Suécia empatada com a França, e depois Hungria empatada com a Arábia Saudita. Já na América Latina, o melhor colocado é a Venezuela, no 14º lugar, e depois vêm a Argentina (18º), México (25º) e Brasil (27º).

Os indianos leem, em média, 10 horas e 42 minutos semanais, enquanto os países americanos possuem em média menos da metade de tempo que dedicam à leitura na Índia.

Que o número de leitores no Brasil é pequeno todos sabem, afinal é muito difícil ver alguém ler em ambiente público, ou mesmo alguém afirmar que lê em casa ou durante a folga no trabalho, algo bem comum em outros países, principalmente os europeus. Para se ter uma ideia, em pesquisa publicada recentemente pela Federação do Comércio do Rio de Janeiro sobre os hábitos culturais, feita em 70 cidades de nove regiões metropolitanas, dados mostram que sete em cada dez brasileiros não leram um livro sequer no ano de 2014 (g1.globo.com, 2015), uma queda de 5 pontos percentuais (no ano anterior tinham sido 65%). A mesma pesquisa aponta ainda duas as principais razões para esta queda: a internet e a economia.

O uso da internet, facilitado pelos *smartphones* é apontado na pesquisa como um dos responsáveis pela queda na leitura, principalmente entre os jovens. Já os pesquisadores apontam a situação econômica do país como uma dos principais entraves para o aumento da leitura pelos brasileiros.

O fato é que aqui se lê muito pouco. No ranking dos 30 países onde mais se lê, segundo a agência *Nop World*, o Brasil aparece na rabeira (5,2 horas por semana com um livro) (ARIAS, 2015).

É possível que um analfabeto ou alguém que não tenha lido um livro na vida possa revelar uma sabedoria natural, um senso comum agudo e até uma grande carga de poesia, assim como é possível uma pessoa que mora num deserto saber nadar. Entretanto, o mais natural é que um país que não lê ou que aparece, como o Brasil, entre os piores leitores do mundo, esteja comprometendo seu desenvolvimento futuro (ARIAS, 2015). E não só o cultural, mas também o econômico, o científico, o tecnológico; afinal, dificilmente entrará no rio da modernidade e do progresso um país não-leitor, ficando sempre refém dos poderes dominantes ou de ideologias baratas e muitas vezes não fundamentadas no “é isto e pronto. Simplesmente não gosto.”

A prova disto é que em pesquisa recente, 79% dos brasileiros se disseram contra o casamento de homossexuais; 63% rechaçam que possam adotar uma criança; 73% se declaram contra a legalização do aborto e 79% são contrários à legalização das drogas, inclusive a maconha, ideias estas consideradas “liberais demais”. Conservadora? Não. Em outra pesquisa, a mesma população, brasileira, se posicionou a favor da pena de morte, ideia esta já rechaçada na maioria dos países desenvolvidos (com ressalvas os EUA), mas adorada e adotada em países considerados “ultraconservadores”. Constata-se que boa parte da população é formada por um povo que pouco lê e muito “acha”, sem fundamentação (ARIAS, 2015).

Por que não se lê?

Isto também já pode ser afirmado um fator histórico, no Brasil. Segundo Laurentino Gomes, em seu livro 1822, afirmava que “o analfabetismo era geral. De cada dez pessoas, só uma sabia ler e escrever. Os ricos eram poucos e, com raras exceções, ignorantes” (GOMES, 2010), enquanto que em outros países, tanto europeus como nos EUA, a proporção de “letrados” era bem maior. Então, se não se lia no passado, dificilmente se lê na atualidade, afinal não se tem essa cultura de leitura, de formação de leitores.

Mas este não é o único problema. Um fator que desencoraja a leitura, segundo a maioria das pesquisas, são os valores cobrados por bons exemplares, embora cada vez mais os bons livros estejam acessíveis. É sempre mais interessante gastar o dinheiro com outra coisa do que com um bom livro.

Mas a indiferença dos brasileiros pelos livros tem raízes mais profundas. Séculos de escravidão levaram os líderes do país a negligenciar a educação (A FOLHA DE SÃO PAULO, 2006). A escola primária só se tornou universal na década de 90. Ao mesmo tempo em que o rádio era uma presença constante nas casas já nos anos 30; as bibliotecas e as livrarias ainda não conseguiram emplacar na atualidade. De acordo com o jornal A Folha de São Paulo (2006), em sua versão *on line*, tal fato não vem melhorando, ao contrário, vem decaindo, pois em 2004, de acordo com a publicação, no Brasil se comercializou 289 milhões de publicações, incluindo livros didáticos distribuídos pelo governo, valor este menor que no ano de 1991.

Muitos brasileiros não sabem ler, reconhecer as palavras, as letras, são os chamados analfabetos. Mas há também outro tipo de analfabetismo, o funcional (VUOLO, 2014). O autor ainda frisa que ler é uma atividade

absolutamente humana, que nos permite, graças a sua realização interpretar uma poesia, um conto, uma novela, isso quanto ao estritamente literário, mas também à leitura devemos a possibilidade de interpretar sinais movimentos do corpo, dar ou receber educação.

Note que está bem claro o saber interpretar, entender o que se lê. Analfabetos funcionais são, portanto, aqueles que embora reconheçam letras e números, são incapazes de compreender textos simples, bem como realizar operações matemáticas mais elaboradas. Tal fato é importante, pois no Brasil, conforme pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro, 50% dos entrevistados declararam não ler livros por não conseguirem compreender seu conteúdo, embora sejam tecnicamente alfabetizados (PEREZ, 2016).

De acordo com Schimidt, Marques e Costa (2003), muitos adultos e adolescentes apresentam dificuldade de compreensão e/ou reprodução de textos, embora tenham muitos anos de escolarização e, assim, afirmam que é necessária uma revisão dos objetivos de alfabetização, visando contribuir para a formação de leitores e escritores competentes, sendo uma tarefa especialmente reservada aos professores.

É fato que o número de analfabetos caiu nos últimos 15 anos, mas o analfabetismo funcional ainda é um fantasma que atinge, na atualidade, até mesmo estudantes que frequentam o ensino superior, o que não acontecia no passado. Tal fato desmistifica a máxima que o analfabetismo estaria ligado intrinsecamente à baixa escolaridade. Tais pesquisas sobre o índice de analfabetismo funcional no país são de extrema importância, pois promovem o debate entre os diversos grupos sociais responsáveis pelo desenvolvimento de um novo parâmetro educacional.

Segundo Vuolo (2014), no Brasil existem aproximadamente 14 milhões de Analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de Analfabetos funcionais. Este é um número muito alto! Segundo IBOPE (2005, *Apud* VUOLO, 2014), o analfabetismo funcional esta presente em cerca de 68% da população brasileira, um número realmente assombroso.

De acordo com o A folha de São Paulo (2006), em 2000, um total de um quarto da população com 15 anos ou mais eram analfabetos funcionais. Muitos simplesmente não querem ou não gostam de ler. Hoje apenas um a cada 3 adultos alfabetizados leem. O brasileiro adulto lê em média 2,5 (algumas bibliografias citam 1,8) livros não acadêmicos por ano, valor este bem inferior aos obtido nos EUA (10 livros) e Europa (15 livros na Dinamarca).

Então qual a saída?

Um dia disseram que administrar o tempo de leitura é tão importante (e difícil) quanto controlar as finanças pessoais. Nota-se que os grandes gastos são importantes no orçamento financeiro, mas é a soma dos pequenos desperdícios que leva o indivíduo à falência. Assim, não adianta ler um livro em dois dias e depois nunca mais ler. A leitura deve ser constante, tornar-se hábito.

Santos (2000), afirma que é fundamental dotar os jovens de um conjunto de ferramentas que lhes permitam tornar-se sujeitos ativos do seu processo de desenvolvimento pessoal e intelectual, e tal fato passa pela leitura. A autora cita que “a aptidão para ler é uma das traves mestras para a construção de uma formação sólida e bem sucedida”, e que “não saber ler, no sentido de compreender e interpretar as mensagens que os textos encerram, apresenta-se como uma barreira, por vezes intransponível, à aquisição de novos conhecimentos”. Ela cita ainda que “a leitura dá a conhecer outros caminhos, alargando horizontes”, e por isto é fundamental na formação intelectual de qualquer um.

Pontos que auxiliam com a melhoria da quantidade e da qualidade da leitura

Mas como fazer alguém ler? Como formar leitores? Normalmente se aponta alguns pontos que auxiliam com a melhoria da quantidade e da qualidade da leitura. São eles:

1. Ter sempre um livro ao alcance – isto fará com que a pessoa leia assim que um tempo estiver disponível. Isto é importante, afinal sempre se encontra espaços entre uma atividade e outra, que acabam por ser destinada a outros fins “menos interessantes”, mas “disponíveis”.
2. Aceitar um desafio – deve-se estabelecer uma meta e buscar alcançá-la. O estabelecimento de metas na leitura é primordial. Se neste ano leu-se um total de 10 livros, a meta para o ano seguinte é de 12, e busca-se meios pra alcançar. Se a meta foi atingida ou não, levante os motivos, discuta-os e decida o que é primordial.
3. Marcar compromisso - ler por obrigação pode ser divertido – desde que a obrigação parta do próprio leitor. Para vencer as distrações do cotidiano e a tentação de deixar os livros para depois, deve-se reservar algum tempo todos os dias para a leitura. Aos poucos a leitura deixa de ser obrigação e passa a ser um prazer cotidiano, e o leitor se sentirá ansioso para encontrar-se novamente com os livros.

4. Evitar distrações – pequenas distrações acabam por atrapalhar a leitura de um livro, tornando-o menos atrativo, pois a pessoa se perdeu na leitura. É fundamental a concentração e, pequenos entraves, devem ser evitados para que a leitura flua.

5. Variar para não enjoar – às vezes a pessoa busca a leitura de vários livros do mesmo gênero em pequeno intervalo de tempo. Isto pode levar a um cansaço mental, levando invariavelmente, à desistência. Ler livros de gêneros diferentes ajuda a manter a sanidade e amplia a visão de mundo.

6. Criação de um diário de leituras - A memória humana é limitada, e a maratona de leituras diversas pode se tornar uma sobrecarga cerebral. Uma saída é escrever um pouco sobre cada livro que se lê, tornando assim as lembranças mais acessíveis e ao mesmo tempo melhorando o poder de sintetização de textos. Se não escrever um texto sobre o livro, escreve-se ao menos uma frase de cada livro que melhor represente sua impressão ao lê-lo. É muito interessante inclusive para memorizar cada uma das histórias lidas.

6. Compartilhamento de experiências – A leitura é um hábito solitário, mas também pode ser vista como um passatempo coletivo. Leitores atraem outros leitores, e compartilhar nossas descobertas literárias com amigos é sempre um prazer. Conversar sobre livros é uma forma de reacender, na pessoa e em seu interlocutor, a paixão pelos livros e a disciplina para se dedicar mais a leitura. Este talvez seja o maior problema dos leitores brasileiros: a falta da discussão sobre os periódicos lidos. Além disso, às vezes nestas discussões, acabasse por conhecer um título, um gênero ou um autor interessante e busca sua leitura no futuro.

7. Busca de livro adequado à necessidade – às vezes é possível escutar alguém dizendo que odiou um livro e adorou o outro, indo contra a opinião de outra pessoa. Com o tempo e com o desenvolver o intelecto, os mesmos livros podem imprimir visões diferenciadas. Livros que anteriormente se apresentavam como desinteressantes ou ruins, no futuro podem se mostrar como bons e interessantes. Lembre-se: não há livros ruins, há livros inapropriados para determinados intelectos. Encontre o seu.

Conclusão

A leitura é imprescindível na formação do intelecto humano. A leitura traz conhecimentos, informações, te faz viajar, no tempo e no espaço (uma boa leitura tem este poder). A pessoa pode não ter os recursos necessários para uma boa viagem, onde com certeza conseguiria adquirir diversos conhecimentos. Mas quem disse que é só através de uma viagem que se pode conhecer um local? Com uma boa leitura se descobre costume, crenças,

locais, paisagens, ou seja: se participa e conhece um povo um local. Mas como formar um leitor? Como fazer alguém ler?

É claro que se molda um leitor com leitura, e se o prazer de ler for trabalhado desde cedo, a uma grande possibilidade de se conseguir uma população mais leitora. No Brasil este costume é para poucos. Há necessidade gritante de se formar novos e melhores leitores. Que tal começar agora?

E como diria Ray Bradbury: "Não é preciso queimar livros para destruir uma cultura. Basta fazer com que as pessoas deixem de lê-los!".

Bibliografia

A FOLHA DE SÃO PAULO. **Leitura no Brasil é uma "vergonha", diz "The Economist"**. Folha Online, 16/03/2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58816.shtml>>. Acesso em 15 DE JULHO DE 2016.

ABRAMOVICH, FANNY. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.

ARIAS, JUAN. **No Brasil se lê menos que na Venezuela, Turquia e Egito**. El País, 27 FEV 2015. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/26/opinion/1424979919_254116.html>. Acesso em 15 de julho de 2016.

BATTAGLIA, STELA MARIS FAZIO. "A Criança e a Literatura". In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

CANZIANI, TATIANA DE MEDEIROS. O letramento no ensino de língua portuguesa: estratégias para a formação do cidadão. In.: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERÉ. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2019.

CLARET, MARTIN. **A história do livro e a coleção "A obra prima de cada autor"**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.

COELHO, NELLY NOVAES. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.

FERNANDES, Cláudio. **"Invenção da imprensa"**; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

FISCHER, STEVEN ROGER. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

G1.GLOBO.COM. **Setenta por cento dos brasileiros não leram em 2014, diz pesquisa da Fecomércio-RJ**. 01/04/2015. Disponível em <<http://www.soliteratura.com.br/noticia.php?id=41>>. Acesso em 10 de maio de 2016.

GOMES, LAURENTINO. **1822**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 372 pg.

GUEDES, PAULO COIMBRA,; SOUZA, JANE MARI de. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. In: **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 9 ed. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2011.

KATO, M.A. Estratégias de interpretação de sentenças e de compreensão de textos. In: M.A., KATO. **A aprendizagem da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PEREZ, Luana Castro Alves. "Analfabetismo funcional"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/analfabetismo-funcional.htm>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

QUINTÃO, ANA LUCIA DE MESQUITA. **A importância da leitura e as estratégias utilizadas pelos educadores na formação de leitores**. Canoas: UNILASALLE, 2009.

SANTOS, ACÁCIA A. ANGELI DOS; SUEHIRO, ADRIANA C. B.; OLIVEIRA, KATYA LUCIANE DE.. Habilidades em compreensão da leitura: um estudo com alunos de psicologia. In.: *Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas*, v. 21, n. 2, p. 29-41, maio/agosto 2004.

Santos, Elvira. **Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: um estudo em escolas secundárias**. 6a Ed. da Coleção Nova era. Salvador/Bahia. Quarteto, 2000. 143 páginas.

SCHMIDT, M. H. C. B.; MARQUES, M. L.; COSTA, V. L. V. G. O processo de aquisição da leitura e da escrita na infância. In: NICOLAU, M. L. M.; DIAS, M. C. M. (Orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas: Papyrus, 2003. p. 193-229.

VUOLO, VICENTE. **Opinião: Analfabetismo funcional**. 07 de fevereiro de 2014. Disponível em <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniaio-analfabetismo-funcional/>>. Acesso em 10 de maio de 2016.